ROMANTISMO E MODERNIDADE: APONTAMENTOS A PARTIR DE TEXTOS DE EDWARD PALMER THOMPSON E PARTHA CHATTERJEE

Romanticism and modernity: notes from texts of Edward Palmer Thompson e Partha Chatterjee

Edison Lucas Fabrício¹

Resumo

A ideia deste ensaio é refletir sobre o lugar do romantismo, enquanto crítica da modernidade. Esta crítica será abordada através de algumas obras de Edward Palmer Thompson e procurar-se-á pensá-la em outros contextos históricos, por exemplo a esboçada pelo indiano Partha Chatterjee. A modernidade será vista aqui não como um projeto homogêneo, mas diverso e multifacetado. Por outro lado, o romantismo será encarado enquanto uma sensibilidade essencialmente moderna, mas oposta à modernidade.

Palavras - chave: Romantismo. Modernidade. E. P. Thompson. Partha Chatterjee.

Abstract

The objective of this paper is to reflect on the place of romanticism, while critical of modernity. This critique will be held from texts written by Edward Palmer Thompson and search will think of it in other historical contexts, for example the experience of the Indian Partha Chatterjee. Modernity is not studied here as a project homogeneous, but diverse and multifaceted. On the other side, the romanticism is seen as an essentially modern sensibility, but opposed to modernity.

Key words: Romanticism. Modernity. E. P. Thompson. Partha Chatterjee.

Introdução

Em 1848, Marx e Engels pintavam um retrato muito particular da modernidade capitalista. Para tais autores, a modernidade era caracterizada como uma época que dilacerou os laços feudais que ligavam os seres humanos e não restaram outros, senão os comerciais. Ela

afogou nas águas gélidas do cálculo egoísta os sagrados frêmitos da exaltação religiosa. [...] Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já reconhecidas e duramente conquistadas colocou a liberdade de comércio sem escrúpulos, [...] a exploração aberta, despuddorada, direta e árida. (MARX; ENGELS, 2001, p. 48)

¹ Professor Msc. do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau - FURB

A modernidade emerge enquanto um projeto irresistível, titânico e avassalador. Nela são questionados todos os vínculos sociais e as tradições. Nas palavras de Marx, eternizadas por Marshall Berman, a modernidade é o período aonde “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Ela é dirigida “pelo terror da desorientação e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços” (BERMAN, 1986, p. 13). Nela presenciamos um lento desagregar do mundo costumeiro, corporativo, comunitário, estamental e profundamente religioso. Passa à centralidade as individualidades dispersas no tecido social, uma proposta “universalista” de liberdade e igualdade (masculina e branca), a propriedade privada, o pensamento científico, a laicização e dessacralização da vida política e cultural, a emergência dos Estados-nação, etc.

Como reação a esta modernidade capitalista, fria, calculista, mecânica, emerge a crítica romântica. Para Robert Sayre e Michael Löwy a análise do romantismo é um desafio, sobretudo por seu caráter contraditório. Ao mesmo tempo, “revolucionário e contra-revolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista [...]” (LOWY; SAYRE, 1995, p. 9). Para caracterizar o romantismo os autores se apropriam da noção de “visão de mundo” ou “estrutura mental coletiva” de Lucien Goldmann, portanto, o romantismo não fica restrito a uma corrente literária, mas engloba áreas como a filosofia, a história, a sociologia, o pensamento político, jurídico, econômico e teológico.²

Pela sua amplitude, o romantismo desafia a análise. Löwy e Sayre criaram uma tipologia das configurações assumidas pelo romantismo. Para os autores há romantismos restitutionista, conservador, fascista, resignado, reformador e revolucionário e/ou utópico, sendo que o romantismo revolucionário pode ter diferentes tendências (jacobino-democrática, populista, socialista utópico-humanista, libertária, marxista).

Como “autocrítica da modernidade”, o romantismo enfrenta-a pelo viés da perda:

no real moderno, algo de precioso foi perdido, simultaneamente, ao nível do indivíduo e da humanidade. A visão romântica é caracterizada pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais que foram alienados (LÖWY; SAYRE. 1995, p. 40).

² A noção de “visão de mundo” enunciada por Goldmann procura ir além do conceito de “ideologia”, que no fundo guarda uma relação com a categoria “classe social”. Portanto, a noção de “visão de mundo”, diria respeito um conjunto de representações e valores coletivos e estaria próximo à noção de mentalidades produzida no âmbito da Escola de Annales, mas dela também se afastaria na medida em que define a existência de visões de mundo antagônicas.

O romantismo encara o mundo moderno como algo com ausência de autenticidade e pautado na artificialidade, seja dos valores ou das relações. Neste contexto, a crítica romântica da modernidade é uma apreciação mordaz da sociedade burguesa. Para os românticos a sociedade burguesa tem seus fundamentos no processo de desencantamento do mundo, em uma visão de mundo que a tudo quantifica, na perda dos valores qualitativos, e na valorização da mecanização do mundo que impõe uma ruptura aos laços orgânicos que uniam os seres humanos nas sociedades pré-capitalistas e estas à natureza. Portanto, a modernidade seria cada vez mais alienante, visto que preza pela abstração racionalista, pela dissolução dos vínculos sociais e pelo o isolamento dos seres humanos através de um individualismo cada vez mais reinante.

Os românticos manifestam, muitas vezes uma profunda hostilidade a tudo o que é mecânico, artificial, construído. Nostálgicos da harmonia perdida entre o homem e a natureza à qual dedicam um culto místico, eles observam com melancolia e desolação os progressos do maquinismo, da industrialização, da conquista mecanizada do meio ambiente (LÖWY; SAYRE, 1995, p. 63).

Todavia, uma das características mais marcante do romantismo, e perceptível em quase todas suas manifestações, é sua essência anticapitalista. O romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado pré-capitalista, pré-moderno. Modernidade esta dominada pela economia de mercado, pelo espírito de cálculo, pela ideologia do progresso, pela racionalidade instrumental e pela dominação burocrática – termos caros a Max Weber.

Edward Palmer Thompson e o romantismo

Edward Palmer Thompson (1924-1993) é considerado um dos maiores historiadores da Inglaterra do século XX, em suas obras buscou aplicar a teoria marxista à análise da formação da classe operária inglesa, mas sempre realizando uma análise crítica aos limites do marxismo na compreensão da cultura operária. O autor esteve ligado por muitos anos também ao Partido Comunista Inglês, mas dele se desligou em 1956, após as denúncias dos crimes stalinistas, mas não abandonou a militância política, tendo papel importante nas lutas pelo desarmamento nuclear . Thompson lecionou em várias universidades da Inglaterra, entre elas: Leeds, Warwick, Pittsburg, Brown e outras. Nas universidades inglesas e no Partido Comunista também construiu um círculo de amizade e cooperação intelectual com os

historiadores mais brilhantes de seu tempo: Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Perry Anderson e outros.

Uma das facetas pouco exploradas da obra de E. P. Thompson tem sido sua relação com a crítica romântica da modernidade. Este escritor inglês ficou mundialmente conhecido como historiador da classe operária inglesa, mas há poucas referências sobre seu interesse pela literatura, especificamente pela literatura romântica.

Dorothy Thompson, no prefácio do livro “*Os românticos – a Inglaterra na era revolucionária*”, narra um pouco esta ligação de Thompson com a literatura romântica. Segundo Dorothy, a cada dez anos, aproximadamente, Thompson produzia uma importante obra: na década de 1950, *William Morris*, obra sobre um poeta-desenhista; na década de 1960 produziu *A formação da classe operária inglesa*; e na década de 1970 escreveu *Senhores e caçadores*. Todavia, ficaram ainda dois projetos inconclusos. Thompson gostaria de ter escrito estudos sobre dois assuntos: o primeiro, sobre a cultura popular consuetudinária inglesa do século XVIII, e o segundo, que trataria do movimento romântico inglês da década de 1790. Ao sentir que não seria possível, reuniu os diversos ensaios sobre o primeiro assunto e editou em 1991 sob o título de *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. Seu último projeto somente se concretizou, em partes, em 1997, quando Dorothy Thompson, esposa do autor, organizou a coletânea *Os românticos*. A obra foi publicada no Brasil em 2002 (THOMPSON, 2002, p. 7-9). Neste breve ensaio vamos nos limitar em tecer alguns apontamentos às obras *William Morris* (1955) e *Costumes em comum* (1991).

O livro *William Morris – do romantismo à revolução* (1955) ilustra bem o interesse de Thompson pelo romantismo; o maior objetivo de Thompson aqui é articular o romantismo morrisiano ao socialismo.³ Neste livro, Thompson recria o contexto onde se forma o pensamento de Morris, opondo dois personagens: Sir. Lancelot e Mr. Gradgrind. O primeiro, encarnação do herói romântico, é o arquétipo medieval no qual o romantismo inglês vai lançar seus fundamentos e criticar a modernidade. O segundo, legítimo representante do utilitarismo burguês, personagem de Charles Dickens, em *Tempos difíceis*.⁴ Utilitarismo, que nas palavras

³ William Morris (1834-1896) foi pintor e escritor na Inglaterra do século XIX. Morris foi um dos fundadores do movimento socialista inglês, trabalhando inclusive com Engels e Eleanor Marx, filha de Karl Marx. Entre as muitas obras de Morris, destacamos *Notícias de Lugar Nenhum* (1890), analisada por E. P. Thompson, onde narra a história de uma utópica sociedade socialista.

⁴ Charles Dickens (1812-1870) foi um dos mais celebrados romancistas ingleses do século XIX, obtendo reconhecimento por sua crítica social da era vitoriana em livros como *Oliver Twist* e *Tempos Difíceis*.

de Thompson, é o sintoma de um “sistema teórico fundido em aço para a fusão das partes de Adam Smith e Ricardo, Bentham e Malthus” (THOMPSON, 1988, p. 9). Para Thompson, a crítica morrisiana no século XIX “supunha a existência de um passado, de uma sociedade cujos valores eram mais finos e mais ricos que os valores do lucro e da utilidade capitalista” (THOMPSON, 1988, p. 9).

Para Thompson, os primeiros escritos socialistas de Morris estão carregados de romantismo, na confluência de Ruskin e Marx. Morris é de uma geração de escritores que empreendem uma crítica social embevecida de romantismo e realismo, romantismo que tem em Ruskin um de seus maiores representantes, realismo que encontrou em Karl Marx um de seus mais prestigiados autores. Todavia, Thompson estava ciente que a literatura romântica, embora agonizando, continuava resistente diante do capitalismo.

As grandes aspirações na origem da revolta romântica – com vistas à libertação da humanidade de uma opressão corrupta, à libertação dos sentidos, das afeições e da razão humana, à igualdade entre os seres humanos e entre os sexos – estavam sendo destruídas por cada novo avanço do capitalismo industrial (THOMPSON, 1988, p. 18).

Em *Costumes em comum* (1991) Thompson se dedica a estudar a cultura plebeia na Inglaterra. O autor argumenta que a história inglesa do século XVIII é marcada pelo confronto entre uma economia de mercado, cuja figura emblemática é Adam Smith, e uma economia moral costumeira, formulada pela plebe. O autor não vê nesse confronto um retrocesso em relação às forças “modernizadoras”, mas uma resistência em nome do costume e contra o agravamento da exploração plebeia. Thompson assinala a importância de estudar o confronto e a destruição pelo capitalismo burguês dos modos de vida pré-modernos. A plebe é produtora de uma cultura tradicional rebelde,

que resiste, em nome do costume, às racionalizações e inovações da economia (tais como cercamentos, a disciplina de trabalho, os livres mercados não regulamentados de cereais) que os governantes, os comerciantes ou empregadores querem impor [...] A inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada como uma exploração, a expropriação de direitos de uso costumeiro, ou a destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer (THOMPSON, 2008, p. 19).

Desta forma, torna-se compreensível o interesse de Thompson pelos motins de fome como resistência ao mercado e em nome da economia moral. Ou mesmo a atenção dada ao

Atualmente, há um reconhecimento que a obra de Dickens caricaturiza a era vitoriana, construindo um visão unilateral e distorcida daquele tempo.

tempo no cotidiano pré-industrial. Para Thompson houve uma abolição da concepção de tempo baseado nos ciclos naturais e implantou-se uma nova mentalidade de tempo (calculado, dividido, medido e racionalizado). O industrialismo desorganizou o mundo pautado segundo as tradições. A sociedade industrial oriunda do capitalismo erigiu o trabalho como a atividade social mais importante e destruiu as tradições e costumes. Segundo, Edgar De Decca, Thompson partilha do sonho de uma sociedade de “consciência costumeira” em que a perseguição da felicidade não é sinônimo de abundância e acúmulo. Obviamente Thompson, apesar de sua predileção, reconhece a enorme carência cultural e a pobreza dessas sociedades pré-capitalistas (DE DECCA, 2002, p. 65).

“Nunca retornaremos à natureza humana pré-capitalista, mas lembrar como eram seus códigos, expectativas e necessidades alternativas pode renovar nossa sensibilidade da gama de possibilidades implícitas no ser humano” (THOMPSON, 2008, p. 23). Portanto, não se trata de uma nostalgia passadista, mas antes de reencontrar no passado os germes da resistência no presente.

A crítica à modernidade em outros contextos, o caso indiano

Como pensar a crítica à modernidade em outros contextos espaciais? Nossa pretensão é descrever como a crítica à modernidade mantém alguns elementos caros ao romantismo mesmo em outros contextos espaciais, sendo a história indiana um exemplo. O caso indiano foi escolhido não de forma fortuita, procuramos abordá-la a partir do texto “*Nossa modernidade*”, de Partha Chatterjee, por ele revelar o quanto os chamados *Estudos Subalternos* são tributários da historiografia social inglesa, especialmente dos escritos de E. P. Thompson, sem, contudo deixar de fazer uma apropriação crítica e avançar nas discussões. Primeiro, vamos ao autor.

Partha Chatterjee é um historiador indiano nascido em 1947. Na década de 1970 integrou um importante grupo de pesquisas animado por Ranajit Guha, da qual também faziam parte Dipesh Chakrabarty, Gyan Pandey, Shahid Amin e Gautam Bhadra (CHATTERJEE, 2004, p. 10). Todavia, a figura de Chatterjee ganhou centralidade na historiografia indiana a partir da década de 1980 com a publicação de dois artigos nos dois primeiros volumes dos *Subaltern Studies*.⁵ Os artigos⁶ versavam sobre a questão agrária e as

⁵ Os *Subaltern Studies Reader* é uma coleção de artigos dos estudos pós-colônias indianos reunidos por Ranajit Guha e publicados em 11 volumes pela Universidade de Oxford, a partir de 1982, sendo o último volume de 2001.

formas de vida no Bengala colonial. Chatterjee foi diretor do Centro de Estudos em Ciências Sociais de Calcutá e atualmente é professor de Antropologia e Estudos do Sul da Ásia na Universidade de Columbia. Ele também foi um membro-fundador do Coletivo de Estudos Subalternos.

O Grupo de Estudos Subalternos do Sul da Ásia foi fundado na Índia em fins dos anos 1970. Ele é formado por um grupo de intelectuais engajados na reescrita da história indiana a partir de uma perspectiva pós-colonial e subalterna. O objetivo seria romper com os paradigmas eurocêntricos presentes na historiografia indiana. A principal obra de publicação dos trabalhos do grupo foi a coletânea *Subaltern Studies Reader* (1982).

A ligação do grupo com a historiografia inglesa foi significativa nos primeiros anos, Todavia não foi uma relação acrítica. À exemplo da historiografia social inglesa, que se ocupou bastante dos movimentos políticos populares pré-industriais, sendo o livro “Rebeldes primitivos” de Eric Hobsbawm uma das maiores referências, Ranajit Guha, o fundador do *Subaltern Studies* e escritor da obra *Aspectos elementares da insurreição camponesa na Índia Colonial*, buscou abordar a questão do saber subalterno nas rebeliões camponesas. Para Guha havia uma práxis própria dos camponeses que deveria ser reconstituída mediante um exercício hermenêutico ou interpretativo. Todavia, Guha se afasta das conclusões de Hobsbawm ao considerar as insurreições camponesas não como práticas pré-políticas ou pré-partidárias, como afirmava o historiador inglês. Para Guha, “este saber, entretanto, teria sido soterrado pela expansão da racionalidade instrumental da modernização pós-independência nacional” (BARBOSA, 2009, p. 2).

Mas vamos ao texto “*nossa modernidade*” de Chatterjee. O autor, imbuído de uma perspectiva que privilegia a particularidade indiana, postula a existência de múltiplas modernidades, além da europeia. Ao distinguir “nossa modernidade” intenta “apontar que pode haver outras modernidades que não a nossa, ou para colocar de outra forma, que há certas particularidades sobre a nossa modernidade”. Para ilustrar as peculiaridades desta modernidade Chatterjee recorre aos textos de um intelectual indiano do século XIX, Rajnarayan Basu (1873). Basu empreende uma análise comparativa entre “*se kâl ar e kâ*” (aqueles dias e hoje em dia). Por “aqueles dias”, Basu, entendia o período anterior à completa

⁶ CHATTERJEE, Partha. Agrarian Relations and communalism in Bengal, 1926-1935. In: GUHA, Ranajit (Ed). **Subaltern Studies** Nº 1. Writings on South Asian History and Society, Delhi: Oxford University Press, 1982; CHATTERJEE, Partha. More on Modes of Power and Peasantry. In: GUHA, Ranajit. **Subaltern Studies** Nº 2(Ed). Writings on South Asian History and Society, Delhi: Oxford University Press, 1983.

introdução da educação em inglês na Índia. Basu fora educado neste contexto e era partidário das ideias modernas. Confrontando “aqueles dias” e “hoje em dia”, Basu elegeu sete áreas em que houve melhoramento ou declínio: saúde, educação, renda, vida social, virtude, civilização e religião. Conforme Chatterjee, os textos de Basu estão marcados por algumas noções familiares, por exemplo “a noção de que ‘naqueles dias’ as pessoas eram simples, caridosas, compassivas e genuinamente religiosas, a religião agora havia se tornado mera festividade e pompa, e aquelas pessoas haviam se tornado astutas, desonestas, egoístas e ingratas” (CHATTERJEE, 2004, p. 45, 46). Para o autor indiano, “hoje em dia” deve ser entendido como a era moderna inaugurada sob o domínio britânico na Índia.

Segundo Chatterjee, as mudanças provocadas pela era moderna foram sentidas em diversos campos sociais, mas detêm-se na área da saúde, onde afirma que muitos escritores descreveram que

o interior de Bengala de sua infância estava quase inteiramente livre de doenças. As únicas enfermidades eram febres comuns que podiam ser curadas em alguns dias com uma dieta apropriada. O tifo era raro e não se ouvia falar de cólera. A malária ocorria de tempos em tempos, mas os vacinadores indígenas, usando suas técnicas tradicionais, conseguiam curar seus pacientes sem muita dificuldade. Não havia escassez de água potável limpa. A comida era abundante e as aldeias “se enchiam de pessoas saudáveis, robustas e felizes, que gastavam seus dias principalmente na prática de esportes”. [...] Expressando em 1982 as reminiscências de sua infância em Barisal, Manikuntala Sen, o líder comunista, escreveu: “O pensamento me traz lágrimas aos olhos. Oh, Alá, por que nos deste essa civilização tecnológica?” CHATTERJEE, 2004, p. 48).

O declínio na saúde, segundo Basu, era algo que deveria ser analisado a partir da enumeração de vários motivos. Primeiro, a mudança ambiental, a segunda, a alimentação, terceiro, o trabalho, (“O trabalho inglês não é apropriado a este país [...] A rotina imposta agora pelos nossos governantes, de trabalhar das dez às quatro não é de forma alguma adequada às condições deste país”) e quarto, a mudança no estilo de vida. Para Chatterjee, o projeto de Basu era mostrar que “não pode haver apenas uma modernidade independente de geografia, tempo, meio ambiente e condições sociais. As formas da modernidade terão de variar entre diferentes países, dependendo de circunstâncias específicas e de práticas sociais” (CHATTERJEE, 2004, p. 51). O autor assevera que devemos pensar as peculiaridades locais da modernidade, a modernidade universal a partir da modernidade particular.

Para Chatterjee a autorrepresentação da modernidade ocidental teve lugar num texto de Kant “*O que é o esclarecimento*”, nele o filósofo caracteriza a modernidade como uma era

de amadurecimento intelectual, de autonomia, de abandono da tutela. Todavia, ao pensar uma “modernidade que é nacional”, Chatterjee assevera que a história da “nossa modernidade” não pode ser escrita sem levar em conta o colonialismo. A modernidade, paradoxalmente, foi posta como o mais forte argumento legitimador da contínua sujeição da Índia ao governo britânico, como condição de esclarecimento. “E então foi a mesma lógica da modernidade que um dia nos levou à descoberta de que o imperialismo era ilegítimo; a independência era nosso objetivo” CHATTERJEE, 2004, p. 63).

Assim ele argumenta que é porque os indianos desejam ser modernos que transpunham estes desejos ao passado “[...] é a nossa ligação com o passado que faz nascer o sentimento de que o presente precisa ser mudado, que é nossa tarefa mudá-lo. [...] A nossa é a modernidade dos já colonizados”. Para Chatterjee, se em Kant a modernidade olha para o presente como lugar de escape do passado, para os indianos é do presente que se quer escapar. “O mesmo processo histórico que nos ensinou o valor da modernidade também nos tornou vítima dela. [...] precisamos ter coragem de por vezes rejeitar as modernidades estabelecidas por outros” CHATTERJEE, 2004, p. 64).

Considerações finais

A possível articulação entre as percepções da modernidade em Thompson e Chatterjee pode ser colocada sob o signo da rejeição não absoluta. Thompson não encara o passado pré-industrial como um paraíso idílico: ele reconhece as deficiências e as enormes carências das sociedades pré-modernas; por outro lado, reconhece nestas comunidades o germe da resistência em nome do costume, da tradição, da economia moral.

Chatterjee, não absolutiza o passado também. Está longe de ser um romântico no sentido tradicional, pois, como observa Sanjay Subramanyam, Chatterjee não se transformou “numa espécie de ‘comunitarista’ que defenderia a ideia de uma ‘comunidade primordial’”, tão cara ao pensamento romântico. (CHATTERJEE, 2004, p. 12). No entanto, podemos assinalar que Chatterjee não é indiferente às mudanças provocadas pela racionalidade moderna. Se é preciso aprender com “aqueles dias” é porque a modernidade frustrou muitas expectativas, fez muitas vítimas, desestabilizou modos de vida, interferiu na saúde, modificou os hábitos alimentares, o trabalho e o cotidiano.

Outro possível ponto de convergência entre os autores seria o reconhecimento do saber subalterno ou do costume como resistência a um mundo moderno que se desfaz em pedaços sob os encantos da modernidade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Muryatan Santana. Subaltern Studies: Pós-colonialismo e Desconstrução. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). **Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?** Ouro Preto: Edufop, 2009.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHATTERJEE, Partha. **Colonialismo, modernidade e Política.** Salvador: EdUFBA e CEAO, 2004.

DE DECCA, Edgar Salvadori. E. P. Thompson: Tempo e lazer nas sociedades modernas. In: Bruhns, Heloisa Turini (Org.). **Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes.** São Paulo: Chronos, 2002. (Coleção Lazer, esporte & sociedade).

LOWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum.** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THOMPSON, Edward P. **Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, Edward P. **William Morris: romantic to revolutionary.** California: Stanford University Press, 1988.